

David Frier

AS (TRANS)FIGURAÇÕES DO *EU*
NOS ROMANCES
DE CAMILO CASTELO BRANCO
(1850-1870)



temas portugueses

AGRADECIMENTOS

Seria impossível compilar, em lista exaustiva, todas as pessoas a quem quero expressar a minha gratidão por esta obra.

Em Portugal, recebi ajuda de João Bigotte Chorão, Alexandre Cabral, José Viale Moutinho, Manuel Simões e José Cardoso; do pessoal da Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão; e das Bibliotecas Municipais do Porto e de Sintra, bem como da Biblioteca Nacional de Lisboa. Devo ainda agradecer ao Instituto Camões (o antigo Instituto de Cultura e Língua Portuguesas) por me facultar vários livros valiosos e por ajudar o financiamento de uma visita minha a Portugal, em 1984.

Na fase de preparação da edição portuguesa deste volume, recebi ajuda, apoio e conselhos valiosos por parte de Margarida Santos, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, do Prof. Aníbal Pinto de Castro, da Universidade de Coimbra, e de todo o pessoal da INCM que participou no processo editorial.

Agradeço ainda a diversos membros do Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Glasgow, onde esta obra foi inicialmente elaborada como tese de doutoramento, e, de um modo muito especial, a Mike Harland, que durante seis anos desempenhou a dupla função de orientador e de assessor de informática; ao Prof. Nicholas Round (agora reformado da Universidade de Sheffield), cujo interesse nas minhas pesquisas ia, habitualmente, muito além dos limites do dever; e a Daniel Pires, que foi leitor de Português deste Departamento.

Entre os meus ex-colegas da Universidade de Edimburgo, devo abraçar na minha gratidão o Prof. Edwin Williamson (agora da Universidade de Oxford) e Jennifer Lowe (agora reformada), pela boa vontade e encorajamento; Maria Joana Pimentel do Rosário e Carlos Manuel Pinheiro Alves (antigos Leitores de Português no Departamento a que eu também pertencia), pelo meticoloso e árduo trabalho na correcção das excen- tricidade- des que o meu uso e compreensão do português evidenciavam;

e Elaine Edgar, ex-secretária do mesmo Departamento, pela valiosa assistência nos trabalhos de dactilografia e fotocópia. Quero ainda agradecer a Luís Varela, ex-leitor de Português na Universidade de Leeds, pela ajuda prestada com a revisão da tradução portuguesa desta obra, tanto como agradeço o magnífico empenhamento do tradutor, João Nuno Paixão Corrêa Cardoso.

Finalmente, menciono a grande dívida de gratidão que tenho para com o meu falecido pai, que me garantiu estabilidade financeira durante períodos de dificuldades económicas, e para com a minha mãe, agora também falecida, que mostrou sempre um interesse especial pelo meu trabalho. Sem o apoio de todas estas pessoas, e da Major Scottish Studentship, que me foi atribuída pelo Departamento de Educação do Governo da Escócia, ter-me-ia sido impossível completar este trabalho. Peço que me desculpem se, por lapso, deixei de fazer especial menção a alguém a quem a mesma fosse devida.

Os defeitos desta obra são todos meus; os meus agradecimentos são para todos.

Leeds, Agosto de 2004.

À memória dos meus pais

PREFÁCIO

Passaram já mais de cem anos sobre a morte de um dos escritores mais originais e idiossincráticos da língua portuguesa: Camilo Castelo Branco. Apesar de muitas vezes ser considerado um escritor menos cosmopolita do que Eça de Queirós, seu contemporâneo, conseguiu ter recepção noutras culturas que lhe reconheceram valor: Amor de Perdição, o romance de maior sucesso, foi traduzido em línguas tão diversas como o sueco, o japonês, o italiano ou o galego¹. E mais recentemente,

¹ Acerca de pormenores diversos das traduções acima referidas, cf. G. de Ávila Pérez, *As Traduções do «Amor de Perdição»*. A tradução sueca, *En Kärlekens Martyr* («Famijehistoria af Camilo Castelo Branco», por Johan Vising, Stockholm, P. A. Norstedt & Söners Förlag, 1889), chegou a ser discutida por Alberto Pimentel no capítulo 8 de *Notas ao «Amor de Perdição»* (115-123) e por Júlio Dias da Costa na Secção Três das suas *Palestras Camilianas* (223-232). A tradução para galego, *Amor de perdición* (por Xela Arias, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1986), tem uma recensão de Manuel Simões in *Boletim da Casa de Camilo* (3.^a série, n.º 8, Dezembro de 1986), 92-93. Em japonês, o romance tem o título de *Masatake Takahashi* e foi publicado pela editora Shin Kokumin-Sha em 1947 — quero, a propósito, manifestar a minha gratidão a Helen Parker, do Centro de Estudos Japoneses da Universidade de Edimburgo, pela sua ajuda na clarificação deste ponto. Luciana Stegagno Picchio debruça-se sobre problemas teóricos relacionados com a recepção do *Amor de Perdição* no estrangeiro, particularmente em Itália, não deixando de referir as traduções italianas do *Livro de Consolação* e de *O Romance de um Homem Rico*; cf. o seu artigo «Amor de Perdição: uma crónica stendhaliana. Estudo de fortuna», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*

em 1984, alcançou em França considerável êxito comercial uma tradução desta obra ² que, nos Estados Unidos, acaba de ser publicada numa primeira tradução inglesa ³.

Em Espanha a sua popularidade foi tal que Unamuno repetidamente lhe faz referência na sua obra e, numa dessas vezes, aponta o Amor de Perdição como a «novela de pasión amorosa más intensa y más profunda que se haya escrito en la Península» ⁴. Quanto ao autor, ainda em vida foi Camilo nomeado «académico de la clase de letras» da Real Academia Sevillana de Buenas Letras em 1865, e quatro anos mais tarde foi-lhe concedida a honra de «Comendador Ordinario de la Distinguida Orden Española de Carlos III», o que está registado num manuscrito exposto na sua Casa-Museu em São Miguel de Ceide ⁵. Bem mais recentemente, Espanha viu aparecer uma nova tradução em castelhano do Amor de Perdição ⁶.

Tem sido constante a popularidade deste escritor no seu próprio país. Ainda não há muitos anos, por exemplo, o realizador Manoel de Oliveira recriou cinematograficamente os últimos dias — e os últimos momentos — da vida do romancista no filme O Dia do Desespero; e têm vindo a ser realizados, pelo mesmo realizador, outros filmes relacionados com

(24-29 de Junho de 1991), Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, 1994, 772-775. Além de fazer algumas reservas críticas à tradução para a língua alemã, Maria de Fátima Brauer-Figueiredo também apresenta uma visão bastante mais negativa acerca da recepção do romance mais famoso de Camilo nos países de língua alemã. Cf. o artigo «A recepção alemã do Amor de Perdição», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, 783-794.

² Camilo Castelo Branco, *Amour de perdition* (tradução de Jacques Parsi, Arles, Hubert Nyssen Éditeur, 1984). Desta tradução existe, da autoria de Manuel Simões, uma recensão no *Boletim da Casa de Camilo* (3.^a série, n.º 4, Dezembro de 1984), 84-85.

³ *Doomed Love (a Family Memoir)*. (Tradução de Alice R. Clemente. Providence, Rhode Island, Gávea Brown, 2001.)

⁴ Miguel de Unamuno, *Por tierras de Portugal y de España*, Buenos Aires, Editora Espasa-Calpe, 1946, 19.

⁵ Veja-se o esboço cronológico da vida de Camilo, in Salerma Garção, *Apontamentos sobre o Manuscrito de Camilo Castelo Branco «O Romance de um Homem Rico»* (texto dactilografado e inédito, conservado na Biblioteca Nacional, em Lisboa).

⁶ Camilo Castelo Branco, *Amor de perdition* (tradução e introdução de E. Losada, Barcelona, Seix Barral, 1990).

a vida e com as obras deste autor. Contudo, a atenção devotada a Camilo tem muitas vezes decorrido, por outro lado, mais com base num surto de reconhecimento generalizado do que proveniente de uma análise crítica — que só relativamente de há poucos anos a esta parte tem vindo a ser perseguida com maior profundidade. A continuada familiaridade dos seus romances leva a obra de Camilo até às escolas, como matéria essencial na disciplina de Literatura Portuguesa; no entanto, e apesar dessa familiaridade, uma aura quase lendária continua a rodear, envolvendo-o, o nome do escritor ⁷.

Com efeito, foi em parte esta «veneração» de Camilo como uma espécie de instituição nacional bem como uma desproporcionada atenção dispensada ao seu romance mais famoso que concorreram para obstar a uma compreensão global da sua obra. Também muitos leitores da actualidade tendem a olhar com algum desdém a forma de escrita mais intimamente associada a este autor — a do romance sentimental como o *Amor de Perdição* —, tornando-se-lhes difícil aceitar tais obras como verdadeira literatura numa acepção séria do termo; e isto porque, por esse motivo, lhes escapa a alta qualidade da execução.

Já em períodos anteriores, pelo contrário, este género foi bem mais do que um estafado cliché pseudo-romântico, tendo sido utilizado por escritores da estatura de um Bernardim Ribeiro, de um Cervantes ou de Jane Austen, cada um com a sua diferente perspectiva da vida, individual (e séria). Pela época da actividade literária de Camilo, tal fórmula parecia já fora de moda — a ponto, por exemplo, de ter sido ridicularizada por Eça e Ramalho Ortigão n'As Farpas ⁸. E ao leitor moderno poderá frequentemente parecer-lhe que obras deste género têm muito pouco para oferecer.

Mas era este, precisamente, o tipo de romance que Camilo escrevia com o maior sucesso; não apenas em termos de vendas (embora ele possa ser apontado, com toda a verdade e legitimidade, como o primeiro escritor profissional da literatura portuguesa), mas também porque era esta a forma que mais se adequava ao seu temperamento: o desencanto expres-

⁷ É interessante notar que Idalécio Cação escolhe comentar no *Amor de Perdição* aquilo que considera inadequações, como texto de amostragem para ilustrar no geral a escrita do autor para um jovem público moderno; cf. o artigo «Ler Camilo no ensino secundário», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, 599-605, esp. 600.

⁸ Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, I, 30.

so no prefácio à quinta edição do *Amor de Perdição*, de 1879, quando o escritor se vê obrigado a abandonar essa tendência compositiva, é obviamente genuíno:

Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta quinta edição do *Amor de Perdição* quase esgotada. (III, 382.)⁹

Como vemos, Camilo rompe uma das regras de ouro do gosto moderno, em matéria de seriedade em literatura: é um sentimental. E como é intenção deste trabalho demonstrar que o autor partilha, com muitas das maiores figuras da literatura moderna, uma preocupação profunda no que respeita a questões de desempenho e de identidade pessoais, o que se passa com Camilo é, unicamente, que ele não a exterioriza de um modo que os leitores modernos possam reconhecer facilmente, nestes romances, a sua própria experiência de vida. A intensa focalização interna que caracteriza tantas figuras de proa do panorama literário do século XX está totalmente ausente neste autor, que nos seus romances prefere sacrificar essa perspectiva ao desenvolvimento da intriga. No entanto e para além do que acabo de afirmar, este meu trabalho pretende demonstrar, intencional e claramente, que os desafios enfrentados pelas criações ficcionais de Camilo prefiguram, de certo modo, o processo de projecção externa mais explicitamente desenvolvido nesse século por Fernando Pessoa.

Infelizmente, porém, demasiados críticos se têm deixado seduzir apenas pelos prodigiosos poderes de verbalização do romancista — tanto quanto ignoram a substância da sua escrita: os que detestam Camilo apontam-lhe os excessos românticos¹⁰, enquanto os que se sentem atraí-

⁹ As referências a obras de Camilo no presente volume normalmente remetem para a colecção *Obras de Camilo Castelo Branco*, editada por Justino Mendes de Almeida. Assim, as indicações numéricas dadas entre parêntesis no final da citação devem ler-se [neste caso concreto — n. do t.] como encontrando-se a mesma na p. 382 do vol. III da referida edição.

¹⁰ Cf. Araújo Correia, 87-89, e Bigotte Chorrão, «Camilo e a tradição narrativa camiliana», 112. Como referem estes autores, parecia existir algum acordo convencional entre os críticos, de modo que estes não deveriam elogiar por igual Eça e Camilo, mas sim dedicar-se unicamente a um dos dois. Efectivamente, foi Eça de Queirós quem previu com exactidão os perigos

dos pela sua obra tenderam, no geral, a elogiar-lhe o estilo literário ou a observação que faz das tradições do Minho evitando, no entanto, as questões levantadas pelos seus romances ¹¹.

Tal como os estudos de Alexandre Cabral vieram demonstrar, foi o próprio autor que em diversas ocasiões se propôs fomentar uma aura ro-

desta tendência para a crítica literária, na célebre carta que rascunhou — mas nunca enviou — a Camilo no decurso da sua polémica (1886-1887): «A guerra de realistas e idealistas, causa primordial destas explicações, tornou-se já quase tão desinteressante e cediça, meu prezado confrade, como a guerra dos Clássicos e Românticos, a das Duas Rosas, ou essoutra que, para vantagem única dos livreiros que editam Homero, dois povos semibárbaros tiveram a paciência de arrastar dez anos em torno duma vila de Ásia Menor, murada de adobe e tijolo. Renovar tão antiquada guerra nas Gazetas é já um acto imperdoavelmente provinciano: mas mais provinciano ainda é estarmos nós aqui, com grãos de incenso nas mãos e pedras nas algibeiras, fazendo, através do grande mar, mútuas e lentas medidas.» (Citado por Alexandre Cabral nas suas *Polémicas*, IX, 152-153; este texto também se encontra nas *Últimas Páginas* de Eça; cf. *Obras de Eça de Queirós*, 14 vols., Porto, Lello e Irmão, 1946-1948, XI, 315.)

¹¹ Uma vez mais, Eça demonstrou grande lucidez nos seus comentários a respeito de Camilo, apontando como tantos dos seus autoproclamados admiradores conseguiam, na realidade, através dos seus empolados elogios, criticarem-no: «Porque eu, falando de V. Ex.^a, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de ver o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte de composição, a fraqueza ou a força do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.^a o ardente Satírico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses, admiram apenas em V. Ex.^a secamente e pecamente o homem que em Portugal conhece mais termos do Dicionário!» (Cf. Alexandre Cabral, in *Polémicas*, IX, 151; texto que igualmente se pode ver in *Eça de Queirós, Últimas Páginas*; ed. cit., 314.) Tais observações são justificadas por bom número de obras que, efectivamente, o que pretendiam era dar particular ênfase à notável capacidade vocabular de Camilo, a expensas do comentário mais analítico: cf. Cândido de Figueiredo (in *Homens e Letras — Galeria de Poetas Contemporâneos*, de 1881, como refere Barros Baptista *et al.*, 30), Costa Leão (*Camilo e o Povo*), Tenório de Albuquerque (*O Vocabulário de Camilo*), Catarino Cardoso (*Camilo, Fialho e Eça*, 34-35 e 41-54) e António do Prado Coelho (in *Camilo*, 243-253), entre os exemplos mais significativos desta tendência. Mesmo nos nossos dias, Gladstone Chaves de Melo e Telmo Verdelho retomam o mesmo tema (embora sem exclusão de outros); vejam-se os artigos «Língua e estilo de Camilo Castelo Branco» e «Camilo e a tradição vernacular», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, 187 e 323, respectivamente.